

Economia brasileira já tem sotaque

MÔNICA MAGNAVITA

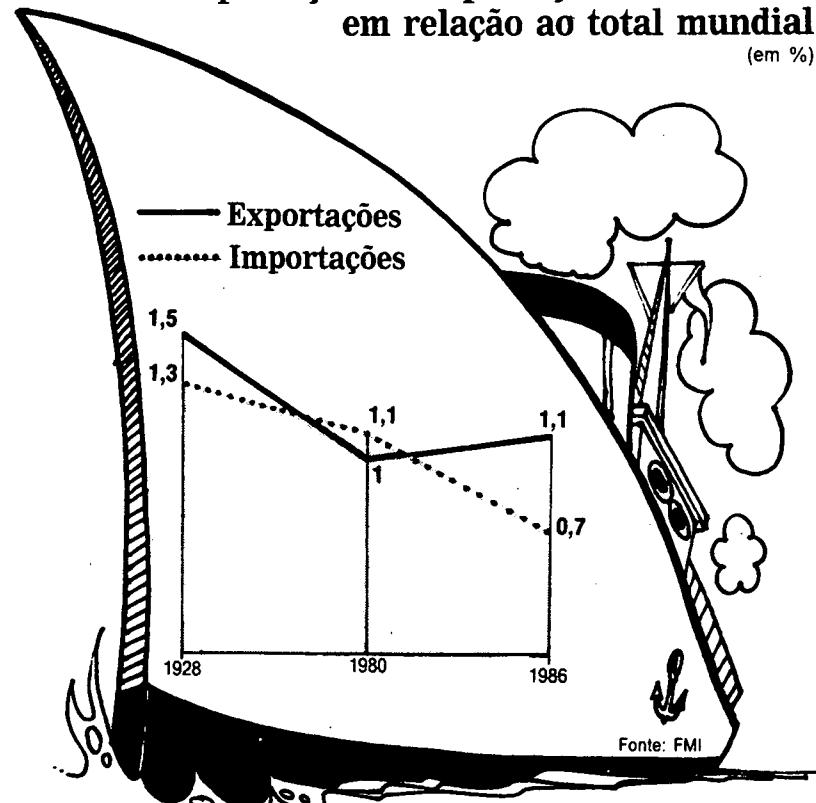
Se alguém perguntar a um turista estrangeiro no País se ele considera a economia brasileira internacionalizada, provavelmente a resposta será sim. E para isso não é preciso um conhecimento mais profundo sobre o Brasil. Basta fazer uma rápida visita a um shopping center que ele poderá comprar roupas de griffes internacionais, comer um hot dog ou tomar uma coca-cola numa das lojas do Bob's ou McDonald's, comprar filmes Kodak e fazer revelações nas lojas Fuji. Se nesse meio tempo resolver ir ao cinema, estatisticamente, é provável que vá ver um filme estrangeiro. Ou se preferir, poderá assistir a algum seriado americano numa televisão Sharp, Philips, Mitsubishi...

Esta avaliação superficial não está tão distante da realidade, ainda que os critérios para avaliar o nível de internacionalização da economia brasileira, naturalmente, vão um pouco mais adiante. O professor do Departamento de Economia da PUC carioca Marcelo Abreu relacionou três indicadores que servem de base para uma análise mais correta: um comercial (a balança de pagamentos); um industrial (a participação do capital estrangeiro na produção nacional); e um financeiro (a dívida externa).

Se a integração do País com o resto do mundo for olhada por estes dois últimos aspectos, o Brasil certamente tem um nível considerado de internacionalização. Os investimentos estrangeiros no País participam de 28% da produção industrial nacional, considerando-se empresas com mais de 10% de capital externo. Já a participação do capital total na indústria do País gira em torno de 18%. Não há números exatos da participação das empresas internacionais no PIB, mas pelos cálculos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) elas entram com mais da metade do Produto Interno Bruto nacional.

Quanto à dívida externa, o Brasil, sem dúvida, ocupa um lugar de destaque entre as nações latinas endividadas. Os juros pagos pelo País, que já foram de 5% do PIB, cerca de US\$ 12 bilhões (CZ\$ 1,9 trilhão) integram o fluxo de capital que circula pelos países desenvolvidos, financiando muitas de suas operações. Neste aspecto, a integração do Brasil com o resto do mundo tem sido cada vez maior. Tanto que em 1928, a dívida brasileira representava duas vezes e meia a receita de exportações.

Exportações e Importações Brasileiras
em relação ao total mundial
(em %)



COMÉRCIO EXTERIOR

(% em relação ao PIB/1985)

PAÍS	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES
Brasil	6,4%	11,5%
México	8,2%	13,3%
EUA	9,0%	5,3%
Índia	7,1%	4,9%
Holanda	48,2%	50,4%
Japão	9,6%	12,9%

FONTE:FMI

Agora, ela já chega a ser cinco vez maior.

Mas é exatamente por esta razão que, em termos de balança comercial, o nível de abertura brasileiro, além de baixo, é cada vez menor. Como demonstra a tabela, o nível das importações brasileiras em relação às importações mundiais diminuiu, bem como a relação entre elas e o PIB nacional, comparado a essa mesma relação em outros países.

Segundo Marcelo Abreu, esta política é compatível com a das nações continentais endividadas, que pagam o serviço de sua dívida através da

balança comercial. Ou seja, maximizam o saldo comercial. O resto, pelo menos no Brasil, ficou por conta da recessão no início dos anos 80, que se encarregou de controlar as importações. Além disso, o coeficiente baixo de importações brasileiras é característico de países com mercado interno grande que adotaram um modelo de crescimento voltado para o mercado interno, desde 1930.

Mas apesar da crescente pressão para abertura das importações brasileiras, os Estados Unidos têm um nível de importações considerado muito baixo, se comparado ao europeu. Quanto às exportações, se os EUA conseguiram um volume significativo, observa Abreu, é porque controlaram a emissão da moeda de referência.

Em última análise, a política externa americana, bem como as crises internacionais, têm um impacto forte sobre a economia brasileira. Foi isso o que ocorreu com a primeira crise do petróleo, na década de 70, e é isso o que poderá ocorrer agora, com a ameaça de queda acentuada no crescimento da economia mundial.